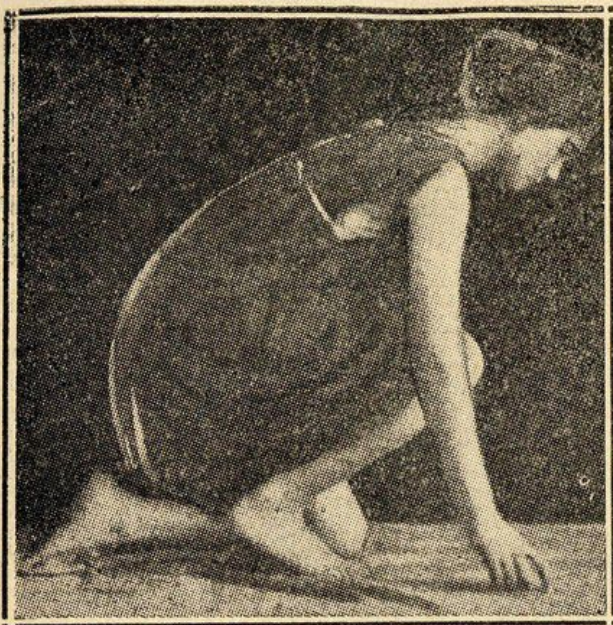


A DANSA E A GINASTICA RITMICA



A música e a dança não são verdadeiramente artes. São fenómenos gerados no sentido rítmico da espécie. A ânsia de movimento e a de ruído, dinamização desta, criaram a música e a dança, quasi sempre agregadas e que inicialmente tiveram um significado litúrgico e erótico.

A dança é inseparável da música e classificá-la de arte é desviar o sentido primeiro do termo, que para os gregos que o criaram (aretê), dizia virtude.

Dansar, dentro de regras convencionais é a estilização das práticas que precedem a cópula e que tem a sua franca manifestação nos bailados dos selvagens, excitantes e sugestivos. A música e a dança não são mesmo mais do que veículos de sugestões libidinosas ou guerreiras.

Interessa o estudo desses fenómenos mais sob o ponto de vista etnico e antropológico do que estético. Porque a estética tem pouco que ver com a grande maioria das manifestações pseudo-artísticas de quantos dansam ou executam música. Essas duas práticas são instintivas na espécie e muitos seres inferiores da escala zoológica as exercem ou facilmente as apreendem.

Com as outras artes não sucede o mesmo. São função da super-inteligência — do génio.

Dar, ou procurar dar, harmonia aos sons é uma contingente tarefa.

Nada há que varie tanto, com as raças, com as épocas, com os climas, com os sexos, com as idades, como o sentimento da harmonia. Concebida essa harmonia pelo compositor musical, o intérprete dela varia ao infinito a sua execução. E sem contarmos mesmo com as variações auditivas do ouvinte, o seu estado de

espírito e o ambiente onde se dá a audição, poderemos garantir afoitamente que quem ouviu mil vezes a 5.^a sinfonia, ouviu mil composições sempre diferentes.

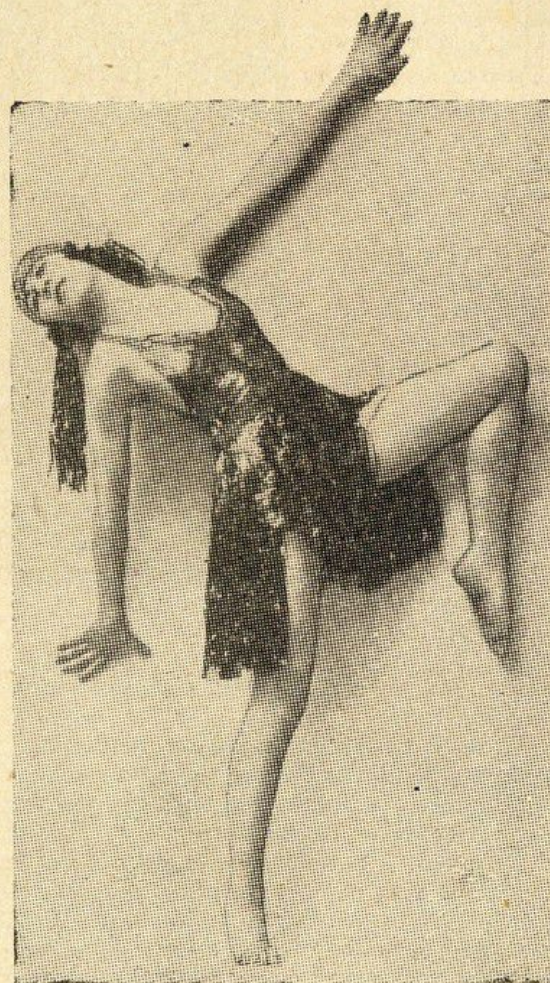
*
* *

Com a dança, se se busca nela o ritmo das atitudes, a variação é também infinita. A indiosincrasia de cada ser altera constantemente a dinamização da dança. Dansar bem não é função da inteligência ou da cultura e nem mesmo são os mais belos os que dansam melhor.

Ponhamos de parte o sentido esótico da dança, que é o predominante, e teremos ainda de reconhecer que dansar é imoral.

Onde se baila? Quem baila? Como se baila?

Baila-se nos casinos de tavolagem, nos salões do alto-pirismo e nas romarias e arraiais. Bailam os desocupados, a escória da sociedade, e o povo rude que não sabe satisfazer a necessidade de movimento pela variação do trabalho. Baila-se sob a acção do alcool ou do cio, por



exaltada necessidade fisiológica, procurando os contactos e as atitudes que mais se aproximam do gesto eterno da cópula.

Sobre ser imoral, dansar é ridículo.

Evidentemente que não nos referimos à coreografia scénica, exhibição de poses plásticas, de esculturas vivas. Vimos as dansas de sala, prenda das meninas burguezas e delicia dos mancebos viciosos. A dramatização de sentimentos em passos e atitudes é função histriót-



nica que a arte dramática estuda. A coreografia só se compreende no tablado. Ainda se admite ao ar livre, nas feiras e arraiais tal como o povo instintivamente a pratica, sem subterfúgios, nem hipocrisias, sem lhe chamar arte, antes exprimindo claramente o que pretende, praticando-a.

Nas salas da «sociedade», porém, a dansa é dum ridículo extremo. Quere seja nos grandes bailes oficiais, nas recepções da alta, ou nos forrobodós da média, nos chás dansantes ou nos jantares à americana, dansar, pelo grotesco das atitudes, pelo hilare dos movimentos estudados, pelo pretencioso dos vestidos e dos arrebiques — é confrangedor, por traduzir à maravilha a estupidez humana. E se fosse só a estupidez... Entre os «civilizados» os bailões são sempre feiras de carne humana onde os pais vão vender as filhas e quantas vezes os maridos alugar as esposas.

*
* *

A necessidade de movimento, que para alguns seres é manifestação delirante, encontra hoje derivativo nos desportos. A's valsas, às polcas, às mazurcas, aos *schotisch*, aos *pas-de-quatre*, às quadrilhas e aos lanceiros dêsse século XIX, que tão alto subiu na investigação

sciêntífica e tam baixo desceu no ridículo dos costumes, succedeu o *lawn-tennis*, o *foot-ball*, o *golf* e o *hockey*, a equitação e a natação, o *box* e a *canotage*.

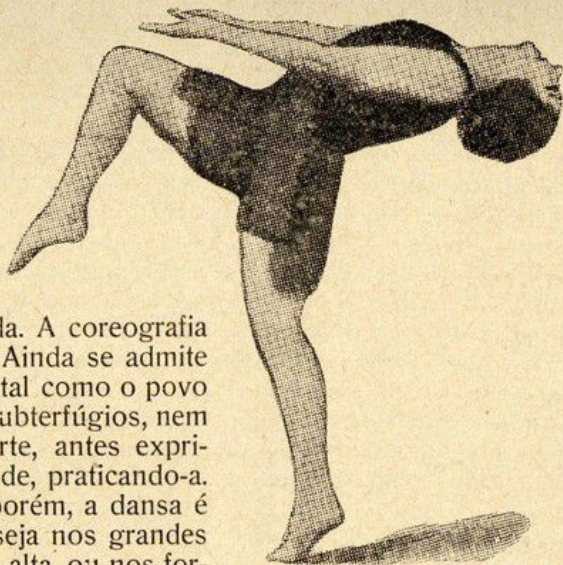
Alguma coisa de melhor e de mais belo surgiu neste século da cultura física — foi a ginástica rítmica, o desporto que deve ser preferido pelas mulheres, o único que se deve ensinar às crianças.

A ginástica rítmica, pela graça das atitudes, pela alada-elegância das linhas que escultura, pela correcção que traz às fórmulas, pelo exercício que dá aos tecidos, tem da dança a parte espiritual e encantadora e ao desporto arranca tudo quanto elle pôde emprestar em força e dextreza, sem a grosseria dos jogos, das lutas.

Pela estilização dos movimentos, a ginástica rítmica aproxima-se das belas atitudes da coreografia clássica, hierática e calma.

Não há nessa scrtilega manifestação de beleza sugestões inferiores, há estudada harmonia, há o exercício físico sublimado, despido das suas crostas de grosseira preparação para a guerra.

Assistir a uma aula de ginástica rítmica, dessas que dirigem artistas de afinada sensibilidade, que são verdadeiramente artistas plásticos, que esculturam a carne, como o estatuario o marmore, dá ilusão nítida do re-



gresso aos tempos heroicos dessa Helade de maravilha, onde a beleza das atitudes e a música dos gestos, se exhibia sem convencionalismos, altivamente, no grande teatro da Natureza, para regalo dos deuses.